



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **Estrutura do saber da psicanálise e suas variações frente às mutações do laço social**

**Tania Coelho dos Santos**

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)  
Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)

Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (São Paulo, Brasil)

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)

Email: [coelhosantostania@gmail.com](mailto:coelhosantostania@gmail.com)

O saber da psicanálise, diferentemente de outros saberes reunidos sob a categoria de ciências humanas, é eminentemente clínico. A psicanálise é uma prática, um tratamento do real em jogo no sofrimento psicopatológico pelo simbólico. É também o saber científico, relativo à estrutura do inconsciente e suas variações clínicas, que podemos extrair dessa ação. O estudo dessas variações, portanto, não é nunca independente do exercício da prática analítica frente à singularidade do caso clínico. Entretanto, tanto na obra de Freud quanto no ensino de Jacques Lacan, encontramos topologias que permitem orientar com mais precisão a transmissão da arte de dirigir um tratamento psicanalítico.

Lucas Wagner Brígido Feitosa e Laéria Fontenele apresentam uma leitura da metodologia topológica freudiana. Embora acreditem, modestamente, trazer apenas elementos introdutórios a essa metodologia, procuram evidenciar uma questão que tem sido pouco explorada: a existência de uma lógica dos lugares na obra freudiana. Destacam que a noção de invariante como categoria topológica e o entrelaçamento dos invariantes articulam a metapsicologia freudiana e a sua concepção psicopatológica, e com a sexualidade. Esses elementos permitem abordar o recurso de Lacan à topologia bem como sua formalização teórica e sua transmissão singulares da experiência psicanalítica.

Em seu artigo intitulado *Variantes da neurose tipo*, Paula Duarte Félix de Souza, evidencia que na obra de Sigmund Freud, é possível localizar outra teoria da neurose que não está ancorada na existência de sintomas oriundos do processo defensivo próprio ao recalque. A autora recorda que a constituição da neurose de caráter e das neuroses atuais nos conduz à atualidade de nossa clínica. Na prática psicanalítica contemporânea, nos deparamos, cada vez mais, com fenômenos sintomáticos que não correspondem a sintomas propriamente ditos. O fenômeno da obesidade para alguns sujeitos evidencia uma forma de defesa inconsciente primária, mais arcaica, sem a produção de conflito psíquico e não sendo possível a satisfação da pulsão por meio do sintoma. A obesidade pode ser localizada como uma variante da neurose.

Essa problemática do que é invariante e das variações ou mutações do sintoma na clínica

psicanalítica na atualidade, nos conduz ao tema do artigo de Julio Cesar Lemes de Castro sobre o *Gozo, segregação e trauma na civilização neoliberal*. O real, em Lacan, aparece como um resto que escapa inevitavelmente à ordem simbólica e tem um efeito traumático. O sintoma responde ao traumático preservando algo dele, mas ao mesmo tempo o disfarçando. Para isso, ele alia-se à fantasia, na qual o gozo que assinala a irrupção do traumático é projetado no Outro. Na sociedade repressiva da época de Freud, sintoma e fantasia forneciam ao sujeito uma válvula de escape que velava o trauma estrutural. Na sociedade neoliberal contemporânea, o imperativo do gozo torna isso mais difícil e o trauma estrutural mostra-se de maneira mais evidente. Além disso, a segregação em termos de tipo de gozo ou de possibilidade de acesso ao gozo reforça o elemento traumático. O *establishment* psiquiátrico, contudo, tende a desresponsabilizar o sujeito (e a sociedade na qual ele vive) pelo trauma.

Maycon Rodrigo da Silveira Torres e Paulo Eduardo Viana Vidal problematizam a construção simbólica frente a falha do recurso à droga na psicose. A inserção de psicanalistas em instituições da rede de saúde mental, em especial nos dispositivos de atenção a usuários de álcool e outras drogas, requer considerar o que varia e o que não varia – isto é, o diagnóstico estrutural – em indivíduos que recorrem a substâncias psicoativas. O recurso às drogas na psicose pode operar como uma tentativa de estabilização ao localizar no real da substância os efeitos da invasão do real dos sintomas psicóticos. O objetivo deste artigo foi discutir, a partir de um caso clínico, a possibilidade de construção simbólica frente à falha deste recurso. O caso analisado pela teoria lacaniana demonstra que o uso de drogas pode ser capturado pelo processo de desorganização pulsional. Discute-se a função do sonho na psicose e sua relação com a construção delirante. O endereçamento transferencial ao analista, por outro lado, permite que o discurso sobre as drogas em sua dimensão significativa opera como uma forma de construção simbólica para a amarração dos registros.

Luciana Renata Moreira Fonseca e Ana Lydia Bezerra problematizam as ações do psicanalista na psicanálise aplicada ao tratamento do delito juvenil na atualidade. Trazem alguns resultados de uma pesquisa de doutorado relativa à responsabilização socioeducativa entre a coerção e a educação. Avaliam de um ponto de vista psicanalítico as ações destinadas a prevenir e tratar esses delitos reconhecendo a aplicação das medidas socioeducativas como o principal mecanismo de responsabilização pela prática de ato infracional. As autoras trazem um breve histórico da legislação e das instituições destinadas ao atendimento dos adolescentes no intuito de conhecer as maneiras de tratar o delito juvenil antes do advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). As autoras avaliam que a medida socioeducativa, em especial a internação, se reveste tanto por um aspecto coercitivo quanto educativo, sendo que a articulação na prática desses dois elementos tem se revelado como um constante desafio. A pesquisa revelou que há três tipos de responsabilização – a jurídica, a subjetiva e a educativa – e que o trabalho socioeducativo se faz a partir dessa tensão.

Myriam Chérel aborda a *Affinity therapy* como uma novidade no tratamento do autismo. Uma fixação ou uma ritualização, uma obsessão ou uma paixão, um interesse específico ou uma aptidão,

enfim, uma particularidade, uma afinidade, é uma constante no autismo. Esse ponto permite a construção de uma dinâmica subjetiva autista: uma relação com o mundo, com o corpo, com os outros e com o conhecimento. A alienação significativa está correlacionada com o apoio alienante ao objeto como compensação. Para Laurent, é um "órgão suplementar" a partir do qual o sujeito articula e decompõe todo o seu mundo. A defesa autista é o "retorno do gozo sobre um limite". O sujeito busca o apoio de um duplo, nas diversas formas clínicas e com a intervenção que resultará, um tratamento das pulsões e da dinâmica vital. Considerando esta defesa: que tratamento seria possível com o autismo? Que apoio institucional pode ser oferecido? Como o autista poderia ser acompanhado? A terapia de afinidade nomeia o que seria um tratamento do autista orientado pelos objetos, pelos interesses específicos, pelos duplos, pelas particularidades de cada autista. O artigo mostra o interesse da terapia de afinidade, explica a importância e o peso dessa prática no tratamento do autismo em um trabalho interdisciplinar orientado pelo discurso analítico.

O movimento *woke* tomou conta das universidades americanas e também das brasileiras. Com origem no pós-modernismo dos anos setenta, inspira-se na genealogia do saber de Michel Foucault e na recente evolução das ciências sociais rumo à redução do universal, do simbólico, da linguagem e da cultura a uma mera construção social. Tudo é relativo e pode ser definido contratualmente nas relações intersubjetivas ou os indivíduos podem autodefinir-se. Precisaremos de comitês de ética, como observou Miller (1996), para estabelecer a verdade, a norma, o protocolo e as convenções de acordo com os diferentes indivíduos e grupos sociais. Queremos avaliar se essa tendência pós-moderna coincide com uma radicalização da lógica feminina da sexualização, a lógica do não-todo. Qual o papel dos movimentos feministas no advento da tese de que "não há universal pois o Outro não existe!". Em seu artigo sobre os paradoxos do paradigma pós-moderno, Tania Coelho dos Santos e Fernanda Queiroz de Paula analisam um novo paradigma no campo das estratégias de subjetivação, a auto-definição. Questionam o desejo de singularidade em suas relação com as políticas identitárias. Demonstram que uma coisa e outra, por mais paradoxal que seja, estão muito mais em disjunção do que em conjunção.

Aline Karolinne Melo Oliveira e Cleyton Andrade – sem entrar na discussão acerca do devir neoliberal das sociedades contemporâneas - analisam um sintoma social brasileiro: uma política do esquecimento, consequência da ditadura militar no Brasil. O presente trabalho busca investigar as condições de possibilidade para o testemunho das vítimas da ditadura militar brasileira. O fim da ditadura foi marcado por um Projeto de Lei de Anistia que impossibilitou uma investigação jurídica e a produção de espaços para que as vítimas pudessem falar sobre o que viveram e sofreram. Os autores partem da hipótese de que essa impossibilidade trouxe consequências para o modo com que o país se organizou pós-ditadura, de tal forma que parte da sociedade nega os abusos cometidos pelo regime e pede por seu retorno. Há uma política do esquecimento que atravessou não só o modo com que a ditadura militar se organizou, mas também a forma com que os testemunhos das vítimas do regime foram silenciados, pois mesmo quando tentam falar sobre o que viveram, seus testemunhos não

reverberam na sociedade. OS autores concluem que existe um “não querer saber e um silêncio” que marcam qualquer tentativa de testemunhar das vítimas do regime. Convencidos de que a ditadura militar triunfou entre nós e perdura em nossos espíritos, os autores não consideram que, talvez, o que persiste é a simpatia majoritária do brasileiro pelo capitalismo e o repúdio ao comunismo.

Em Atualidades, Antônio Teixeira, despede-se com grande sensibilidade deste nosso colega, dedicado psicanalista da École de la Cause Freudienne, em *Le regard ironique de François Sauvagnat*. Antônio rende homenagem, além de outras virtudes, à capacidade de dissertar com desenvoltura sobre as obras de grandes autores como Lacan, Kant, Foucault, Jakobson, Freud ou Lévi-Strauss. François Sauvagnat, de acordo com a colaboração de Aline Aguiar Mendes, nasceu em Paris, em 20 de abril de 1951. Dedicou-se ao exercício da psicologia clínica em um dos mais importantes hospitais psiquiátricos da França, o Hospital de Bonneval. Em 1990, tornou-se professor na Universidade Rennes 2. Lecionou como professor titular a cadeira de Psicopatologia do Curso de Psicologia na Universidade Rennes 2 e na Seção Clínica do mesmo curso. Foi também diretor de pesquisa na Universidade Paris VII, além de presidir seminários na École Normale Superior. Membro da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), ele exerceu a psicanálise de orientação lacaniana em seu consultório particular em Paris, cidade em que morava.

E, finalmente, na resenha intitulada *Penso, logo distingo-me*, Bruno dos Santos Farnetano apresenta o livro L. D. Sayers (2023). *As ferramentas perdidas da aprendizagem*. Desta leitura, o autor destaca importantes reflexões acerca de sua prática como professor de medicina tanto na universidade pública quanto privada.

Aos nossos colaboradores, agradecemos a confiança que depositaram na seriedade do nosso trabalho. Aos nossos leitores, endereçamos o enigma do nosso desejo em sustentar aSEPHallus, mais ainda...mais uma vez.

**Citação/Citation:** Coelho dos Santos, T. (nov. 2022 a abr. 2023). Estrutura do saber da psicanálise e suas variações frente às mutações do laço social. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(35), 01-04. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2023v18n35p01-04.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 22/04/2023 / 04/22/2023.

**Aceito/ Accepted:** 28/04/2023 / 04/28/2023.

**Copyright:** © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.